OS CONCEITOS DE TEXTO CONSOANTE OS DIFERENTES MOMENTOS DA LINGUÍSTICA TEXTUAL

Luzia Maria Lima Cerqueira Gaspar (Estudante de graduação, UFBA, bolsista PIBIEX) Lícia Maria Bahia Heine (Professora, UFBA, orientadora)

RESUMO

O presente trabalho objetiva apresentar reflexões sobre o conceito de texto, haja vista as suas diferentes acepções que, indubitavelmente, podem gerar certas incongruências, caso o interlocutor ainda seja um neófito na pesquisa linguística. Para tanto, serão abordadas, de modo sucinto, as diferentes fases da Linguística de texto, uma das ramificações da Linguística Textual, que surgiu na década de 60 do século XX. Na tradição, a LT possui três fases: a análise transfrástica, a gramática de texto, e a teoria do texto. Nas duas primeiras fases, por conta da sua influência estruturalista, o texto era concebido como produto, uma estrutura acabada, acreditando-se que as suas propriedades definidoras estariam expressas pela imanência do sistema linguístico, tão somente. Assim concebido, excluía o sujeito de suas reflexões, visto que se limitava ao código linguístico. Na terceira fase, A construção das teorias Textuais, instaurada no Brasil no final da década de 80 do século XX, o contexto pragmático ganha relevância, determinando de forma incisiva um outro conceito de texto que passa a ser estudado dentro do seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos em situações sóciocomunicativas. (BENTES, 2001, p. 247). A partir dos anos 90 do século XX, as pesquisas vêm apontando mais dois outros momentos, a fase sóciocognitivista (KOCH, 2004) e a fase Bakhtiniana (HEINE, 2002). Koch substitui a noção de sujeito pragmático por uma outra concepção – a de sujeito social, que não é autônomo, nem livre, visto que "usar a linguagem é sempre engajar-se em alguma ação [...] (KOCH, 2004, p. 25). Além disso, alicerça-se, não mais na noção de referência, mas a de referenciação, atividade discursiva que constrói e reconstrói, constantemente, os objetos de discurso. Apesar desse avanço, a LT continua presa à materialidade linguística. Heine (2012) sugere ampliar seu escopo teórico, defendendo a tese de que o texto deva ser visto como evento essencialmente dialógico, linguístico-semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc.) (HEINE, 2010). O trabalho, portanto, objetiva apresentar os diferentes conceitos de textos, consoante os diferentes momentos da Linguística Textual.

OBJETIVO

Apresentar os conceitos de texto, consoante os diferentes momentos da Linguística Textual.

PRESSUPOSTO TEORICO

A Linguística Textual é um ramo da ciência da linguagem que começou a desenvolver-se na década de 60 do século XX na Europa e de modo especial na Alemanha, tendo como objeto de estudo não mais a palavra ou a frase e sim o texto, visto que a comunicação humana é realizada através de texto e não por palavras isoladas ou frases soltas. No seu percurso é possível verificar a existência de algumas fases: a Análise Transfrástica, as Gramáticas de Texto, as Teorias do Texto, a Virada Sociocognitivista de Koch (2004) e o momento Bakhtiniano, proposto por Heine (2010, 2011). Nas duas primeiras fases, embora já tivesse o texto como o seu objeto de

estudo, ainda o consideravam como um produto, uma estrutura acabada, acreditando-se que as suas propriedades definidoras estariam expressas pela imanência do sistema linguístico, tão somente. Veja-se o exemplo: Para a Análise Transfrástica e as Gramáticas de Texto, o texto em (1) se referia apenas ao contexto, ou seja, a materialidade linguística. Assim, a análise é feita a partir exclusivamente da



seguinte sentença: Chego atrasada: não chego feia, sem levar em conta a parte imagética e o contexto extralinguístico, não desprivilegiando o conhecimento de mundo de cada leitor.

Além disso, seria visto sem coesão textual, por conta da ausência na superfície textual da conjunção "mas", apesar de a ideia de adversidade estar presente no texto.

Na terceira fase, "A construção das teorias Textuais", o texto passa a ser estudado dentro do seu contexto de produção e a ser compreendido não como um produto acabado, mas como um processo, resultado de operações comunicativas e processos linguísticos

em situações sociocomunicativas (BENTES, 2001, p. 247), tendo em vista a presença da pragmática, que busca o sentido não-literal, defendendo a tese de que ele se processa a partir da intenção do falante, um ser consciente de suas ações, livre para fazer suas próprias escolhas linguísticas e sociais. O significado resulta da interação entre a expressão linguística e o contexto em que ela é usada (contexto imediato, o lugar, os participantes e a relação que estabelecem entre si), o que conduz, na tradição, a crítica a asseverar que a pragmática exclui o contexto sociohistórico. Consoante a pragmática, o texto, em (2), pode ser interpretado de várias

maneiras: como um deboche à democracia, como asseverou Juca Ferreira, ministro da Cultura; como uma severa crítica aos políticos brasileiros, sobretudo quando ele, no horário eleitoral gratuito, questiona o espectador: "O que é que faz um deputado federal?". "Na realidade, eu não sei. Mas vote em mim que eu te conto. Vote no Tiririca, pior do que tá não fica", completa. O princípio básico dessa fase é



asseverar que o sentido não está no texto, mas quase constrói a partir dele (KOCH, 1997, p. 25). Em outras palavras, a interpretação do texto não se atém à superfície textual a partir do momento em que são considerados o sujeito e o contexto extralinguístico.

Após essas três fases, em torno da década de 80, de acordo com Koch (2004), surge "A virada sociocognitivista", momento em que o texto passa a ser considerado resultado de processos mentais: é a abordagem procedural, segundo a qual os parceiros da comunicação possuem saberes acumulados quanto aos diversos tipos de atividades da vida social, tendo conhecimentos representados na memória que necessitam ser ativados para que sua atividade seja coroada de sucesso (KOCH, 2004, p. 21). Nessa fase, a noção de sujeito pragmático é substituída por uma outra concepção – a de sujeito social, que não é autônomo, nem livre, visto que "usar a linguagem é sempre engajar-se em alguma ação [...] Essas ações não são simples realizações autônomas de sujeitos livres e iguais" (KOCH, 2004, p. 25).

A transição entre os séculos XX e XXI, em especial no Brasil, aponta avanços na Linguística Textual que dão sinais efetivos de um novo momento — a fase bakhtiniana (HEINE, 2012), que paulatinamente tenta firmar-se nos estudos da LT. Recorreu-se a Bakhtin para ter-se alicerce filosófico, que dessem sustentação ao novo conceito de texto, visto como evento dialógico, linguístico-semiótico, falado, escrito, abarcando, pois, não somente o signo verbal, mas também os demais signos no seio social (imagens, sinais, gestos, meneios da cabeça, elementos pictóricos, gráficos etc.). Assim compreendido, apresenta-se constituído de duas camadas que se imbricam mutuamente a camada linguístico-formal, que consiste dos princípios morfofonológicos, sintáticos, semânticos; e a camada histórico-discursiva, caracterizada pelo processamento de sentidos inferenciais e efetivada a partir de diferentes estratégias (HEINE, 2010). Essa proposta traz à baila a valorização do texto e das suas tessituras, considerando a possibilidade de não somente a linguagem verbal, mas também os aspectos icônicos poderem atuar enquanto elementos coesivos, contribuindo com o processamento da coerência textual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho que realizamos nos conduziu a uma postura de pesquisador, tornando-nos inquiridores à busca de reflexões diversas a respeito da ciência da linguagem. No que tange à Linguística Textual, buscamos entender os seus diferentes conceitos de texto e, sobretudo o porquê da sua hodierna concepção de texto, tão essencial ao ensino da Língua Portuguesa.

BENTES, A.C., Introdução à Linguística Textual. Domínios e Fronteiras. V.1 In: MUSSALIN, F. São Paulo. Cortez, 2001.

FÀVERO, L.L. KOCH, I.G.V. Linguística Textual: Introdução. 9. Ed. São Paulo. Cortez, 2008

HEINE, Lícia Maria Bahia. A Linguística Textual e sua Fase Bakhtiniana. Salvador. UFBA, 2011b. (não publicado)

HEINE, L. M. B; ALVAREZ, P. H. (org.). Incursões sobre a linguística no século XX com foco na linguística textual. Salvador: EDUFBA, 2012. Disponível em: http://www.repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6940______. Aspectos da perspectiva funcionalista da análise linguística. In: HEINE, L. M. B.; HEINE, P. (Org.). Questões do texto e do discurso. Salvador: Kalango, 2011.

KOCH, I.V; ELIAS, V.M. Ler e Compreender: Os sentidos do Texto. 3.ed., 7ª reimpressão. São Paulo: contexto, 2012. MARCUSCHI, Luís, Antônio. Linguística de Texto: O que é e como se Faz? São Paulo: Parábola editorial, 2012.

http://www.h-sama.com/2013/07/chego-atrasada-mas-nao-chego-feia.html. Acesso em: 12 de outubro de 2014.